

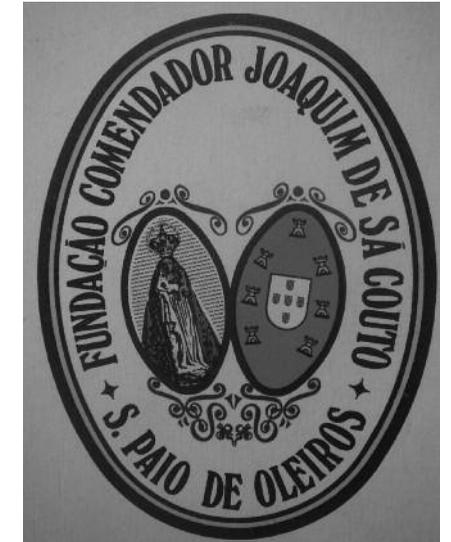
INTRODUÇÃO



O dia 6 de Janeiro de 2009 deveria ter sido um dia festivo pelo menos na vila de S. Paio de Oleiros: comemorar-se-ia o 100.º aniversário da inauguração do seu Hospital-Asilo. Estava escrito, porém, que, nesse dia de Reis, tal efeméride fosse esquecida e não se assinalasse devidamente a memória daquele enorme empreendimento humanitário. Se, porventura, algum oleirense se lembrou dessa data e do seu significado terá sido para recordar também, com a alma inundada de profunda amargura que, por essa altura do mês, mas dez anos antes, mais exatamente no dia 4 de Janeiro de 1999, o mesmo Hospital passara o testemunho ao Hospital de S. Sebastião, na sede do concelho, Santa Maria da Feira, aparentemente pelo menos sem obter uma palavra de reconhecimento pelo que representou nesta vila, neste mesmo concelho e nos municípios limítrofes que serviu durante 90 anos.

Isso não nos impede de aqui deixar um esboço da sua história, na certeza do quanto contribuiu para o crescimento da vila oleirense, da qual foi o ex-libris, e o quanto foi, à sua volta e para muitos milhares, lenitivo na dor e milagre sempre esperado na doença.

Esta vultuosa obra ficou a dever-se à magnanimidade de um oleirense, que pôs a sua fortuna ao serviço do desenvolvimento da sua terra e de terras vizinhas. Esse benemérito chamou-se Joaquim de Sá Couto, cuja obra foi sendo prolongada pela Fundação que veio a ter o seu nome. Importa, por isso e desde já, conhecer os principais traços biográficos desta figura ímpar. Nesse 1.º capítulo da PARTE I, relativa aos cem anos aqui historiados da obra do Comendador e da sua Fundação, ficaremos ainda a conhecer, em pormenor, o teor do seu testamento, comprovativo do seu excepcional bairrismo e espírito fi-



2/ Símbolo da Fundação Comendador Sá Couto.

lantrópico, e a saber também um pouco da vida e da obra do testamenteiro, o Conde de S. João de Ver, que, seguindo-lhe o exemplo de permanente altruísmo, realizou o sonho do Comendador. Logo adiante, num 2.º capítulo, recordaremos o memorável dia da inauguração daquela obra de largo alcance humanitário. Arrolaremos, então, como pudermos, no 3.º capítulo, em duas fases (do início até cerca dos anos 70 e dessa altura a 2009), as datas mais relevantes que marcaram o seu crescimento, o seu esplendor e o seu prematuro e forçado declínio. Finalmente, daremos conta, na Parte II, relativa à obra da Fundação SANITUS, de como, apesar de um profundo coma de uma década, foi possível encontrar sinais vitais neste corpo moribundo, fazê-lo ressurgir, reabilitá-lo e prepará-lo para uma nova vida que, ainda recentemente começada, no ano de 2009, com essa nova fundação promete já afrontar, vencer as dificuldades e seguir caminho, de acordo, afinal, com os grandes objetivos humanitários primordiais.¹

1/ Anthero Monteiro é o autor da introdução e da Parte I. António Rui Leal é o autor da Parte II.

PARTE I
A OBRA DO COMENDADOR SÁ COUTO E DA SUA FUNDAÇÃO
(1.ª e 2.ª fases: de 1909 a 2009)

por ANTHERO MONTEIRO

Comendador Joaquim de Sá Couto

Biografia

O Comendador Joaquim de Sá Couto nasceu em S. Paio de Oleiros a 26 de Março de 1820. A mãe, D. Custódia Maria da Costa, faleceu pouco depois, pelo que «viveu quase desde os primeiros anos entregue aos cuidados de sua avó paterna, D. Josepha de Barros».²

Seu pai, o industrial José de Sá Couto, cavaleiro da ordem de Cristo, foi o primeiro a construir uma casa de pedra e cal em Espinho, por volta de 1843, na Praça Velha, há muito levada pelo mar. Joaquim de Sá Couto era tio de D. Emília Augusta de Sá Couto Moreira Sampaio, esposa do Sr. Dr. João Augusto da Cunha Sampaio Maia, Conde de S. João de Ver, e dos senhores José de Sá Couto Moreira e Adriano de Sá Moreira Pinto.

Disse dele o sobrinho-conde, que viria a ser por ele nomeado seu testamenteiro:

Activo e inteligente, dedicou-se desde tenra idade ao comércio e conseguiu ver coroados os seus esforços, encontrando-se dentro de pouco tempo habilitado a adquirir a fábrica de papel da Cardenha do Candal de Baixo³, onde explorou por largos anos o fabrico de papel. Concorreu como produtor e expositor a várias exposições nacionais e internacionais e teve o prazer e a glória de ver premiados os produtos da sua indústria na Exposição Industrial de 1861, na Exposição Agrícola de Braga de 1863, na Exposição Internacional Portuguesa de 1865, na Exposição Universelle à Paris de 1867, na Weltansntellung 1870 em Viena e na Exposição Universal de 1878.⁴

2/ Conde de S. João de Ver, Hospital-Asylo Nossa Senhora da Saude na Freguezia d'Oleiros Concelho da Feira, Porto, Officinas do Commercio do Porto, 1908.

3/ Esta fábrica, segundo Pinho Leal, foi fundada em 1811.

Participou ativamente na política do seu tempo, tendo sido chefe do Partido Progressista da Feira, foi vereador e «por vezes, serviu como presidente da Câmara da Feira»⁵, onde, segundo Sousa Costa, «muito pugnou pelos interesses de Espinho».

Mantendo as melhores relações com o Conselheiro Anselmo Brancamp, com D. António Alves Martins, Bispo de Viseu, e com o Conselheiro Luciano de Castro, todos eles habituais veraneantes em Espinho e na Praia da Granja, conseguiu transformar uma pequena casa da guarda de passagem de nível, existente na altura perto da atual Rua 19, num apeadeiro, que passou depois a Estação dos Caminhos de Ferro e foi inaugurada em 17 de Setembro de 1875.

Sá Couto foi «agraciado com a Comenda da Ordem de Nossa Senhora da Vila Viçosa, concedida pelo rei D. Luís, pelos relevantes serviços prestados à região e ao país».

A ele se deveu, por força do seu testamento, a construção do Hospital-Asylo Nossa Senhora da Saúde em S. Paio de Oleiros, cujos préstimos foram de um valor impossível de estimar. Prossegue o Conde de S. João de Ver:

Abrigando no seu coração o culto do Bem, sensível perante a miséria que o enternecia e o sofrimento que o contristava, legou à terra que lhe fora berço uma parte do produto dos seus passados labores, que pudesse mitigar lágrimas de dor e desconforto, de fome e desolação.

E assim, com o generoso e avultado legado de 120 contos de réis, habilitou o seu testamenteiro a mandar levantar este belo monumento de caridade, em harmonia com as suas disposições testamentárias.⁶

4/ Conde de S. João de Ver, op. cit.

5/ Cf. Correio da Feira n.º 248, de 25/01/1902.

6/ Id., ibid.

Também Espinho foi beneficiado pelo trabalho filantrópico do Comendador. Azevedo Brandão refere que, para além de ter conseguido, como se disse, o apeadeiro ferroviário, «dirigiu a construção da capela de Nossa Senhora da Ajuda e presidiu à Comissão de Auxílio às vítimas do mar». A este propósito, o primeiro historiador de Espinho, o Padre André de Lima, recorda «um gesto seu» bastante para provar o quanto lhe deve Espinho:

A partir de 1863 impôs-se a necessidade de substituir os velhos “palheiros” de madeira, de varandas esbeçadas sobre as ruas e situadas em ruelas da povoação, algumas em encruzilhadas sem saídas disseminadas pelo areal, por casas de pedra e cal.

Para isso, porém, era preciso muito dinheiro. Onde ir buscá-lo? Sá Couto pôs às ordens da nossa gente os enormes e bastos capitais por meio de empréstimos e realizou-se o milagre, operando-se essa transformação em poucos anos. O mar, a partir de 1889, fez em Espinho grandes destroços, lançou por terra muitas casas, reduzindo muita gente à miséria, mas o Comendador Sá Couto foi talvez aquele a quem o mar mais prejuízos causou.

O ilustre advogado feirense Dr. Celestino Portela, num livro recente intitulado justamente *Um Livro*, refere na biografia de Sá Couto, dedicada ao Dr. Fernando Sampaio Maia, presidentez da Fundação Comendador Sá Couto e afinal um continuador da sua obra e dos seus propósitos de servir os mais desfavorecidos, que o nome do Comendador «está ligado a todas as iniciativas do alvorecer de Espinho, podendo salientar-se o Edifício para uma Assembleia Recreativa», para cuja Direção foi

eleito em 1866 e cujos objetivos, constantes dos estatutos aprovados pelo rei D. Luís, contemplavam o desenvolvimento e conservação de «relações de convivência e delicada sociedade entre os associados, por meio de reuniões diárias para conversação, leitura e jogos que não sejam de azar».

Celestino Portela alude ainda ao respeito que merecia das gentes do mar, «ao lado de quem sempre estava», e, mencionando as homenagens que constituem à sua memória o facto de a Rua 18 ter tido o seu nome e de ser o patrono da Escola E.B. 2,3 Sá Couto, transcreve o seguinte parágrafo da *Gazeta d'Espinho*, a propósito da notícia da sua morte, ocorrida, naquela praia, em 24 de Janeiro de 1902, pelas 5 da manhã:

Dedicava a esta praia uma amizade sincera; transferira para aqui ultimamente a sua residência definitiva, vivendo há mais de três anos na sua casa onde acaba de expirar. Mereceram-lhe sempre particular interesse os negócios desta localidade, embora uma isenção, que ninguém lhe levará a mal, o colocasse em neutral atitude nos últimos acontecimentos entre Feira e Espinho.

O certo é que, como também Celestino Portela faz notar, à data do seu nascimento, Espinho era um lugar da freguesia de Anta, concelho da Feira, e, quando faleceu, era sede de novo concelho, criado por Decreto de 17 de Agosto de 1899.

Segundo a imprensa da época, a rica urna de mogno com os seus restos mortais foi transportada para S. Paio de Oleiros num carro funerário do Porto, puxado a três parelhas. O préstito fúnebre formou-se no lugar do En-

genho Velho, à entrada da sua terra natal, incorporando-se grande número de eclesiásticos e milhares de pessoas deste concelho, Espinho, Porto, Gaia e Ovar, tendo sido um dos funerais mais concorridos do concelho. Realizaram-se solenes exéquias na Igreja Matriz desta localidade, concelebradas por mais de 30 eclesiásticos, presididos pelo abade de Canedo, padre Agostinho José Paes Moreira. Os ofícios e a missa foram acompanhados pela música da capela Badoni, do Porto. Sepultado provisoriamente, o seu corpo foi depositado na capela-jazigo de família, situada no centro do cemitério local.

Sobre Sá Couto se escreveu: «Entrou na cova quasi desconhecido no seu grande aspecto moral para d'ahi passar á immortalidade pelo consenso geral de dois concelhos inteiros».⁷

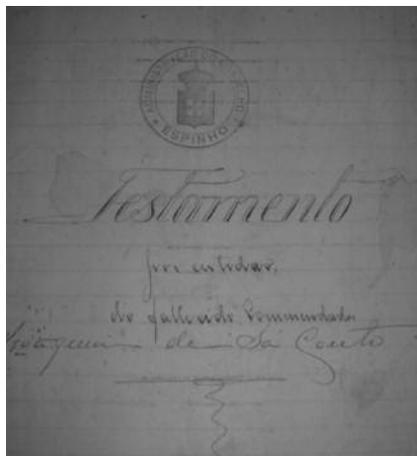
Uma inscrição existente nesse jazigo diz assim: *Toda a vida deixa rasto que fica*. Mas o rasto deixado pela obra do Comendador Joaquim de Sá Couto é muito mais uma imensa esteira de luz que não se apagará das páginas da história desta região e da de S. Paio de Oleiros em particular, terra que cresceu e se impôs ao abrigo do seu espírito magnânimo e empreendedor.

⁷/ Progresso da Feira, 07/02/1909.

Comendador Joaquim de Sá Couto

Biografia

O testamento do Comendador é a prova mais eloquente de que, apesar do que fez por Espinho, a sua terra natal foi a menina dos seus olhos. Foi em S. Paio de Oleiros, onde quis ser sepultado, que desejou também fosse implantada a obra humanitária que tinha em mente. Vejamos, na íntegra, o teor desse importante testamento:



3/ Frontispício do testamento do Comendador.

Registo do testamento cerrado com que falleceu o Comendador Joaquim de Sá Couto em vinte e quatro do mez de janeiro de mil nove centos e dois ás cinco horas da manhã na casa de sua propriedade e residencia sita á rua Bandeira Coelho, d'esta Praia, freguezia e concelho de Espinho.

Eu, Joaquim de Sá Couto, do logar do candal, freguezia d'Oleiros, da comarca da Feira e accidentalmente residente na Praia e freguezia de Espinho, da mesma comarca, estando no goso dos meus direitos e faculdades intellectuais e livre de qualquer coacção, faço pela primeira vez, o meu testamento pela forma seguinte: Declaro que tenho sempre vivido como catholico, e como tal desejo morrer e ser sepultado.

Deixo á vontade do meu testamenteiro tudo quanto disser respeito ao meu funeral e sepultura, querendo, em todo o caso, que o meu cadaver seja conduzido á Igreja da minha freguezia e sepultado no seu cemiterio, e que no dia do mau enterro se me faça um officio de corpo presente e se

reze uma missa por minha alma; quero tambem que no setimo dia posterior ao da minha morte se reze, na mesma Igreja, outra missa por minha alma, e que se repartam equitativamente por todos os pobres que residirem na minha freguezia e tiverem concorrido á ultima d'estas missas, cem mil reis em dinheiro. Declaro que sou solteiro; que nunca tive filhos alguns e que dos meus ascendentes já não resta nenhum vivo, sendo-me, por tanto, licito dispor de todos os meus haveres como bem me aprouver e sem a menor restricção. Instituo, por isso, minha unica e universal herdeira a minha sobrinha Dona Emilia Augusta de Sá Couto Moreira, que satisfará, pelas forças da minha herança, todos os legados, obrigações e mais despezas, que deixo aqui consignadas, e a seu marido, o medico-cirurgião João Augusto da Cunha Sampaio Maia nomeio meu testamenteiro, pedidndo-lhe, pela muita amizade e bôa harmonia que sempre nos ligou, faça cumprir integralmente e quanto em si possa e caiba, esta dispozição da minha ultima vontade. Quero que, apoz a minha morte, a dita minha herdeira mande construir no cemiterio da minha freguezia, adquirindo para isso o terreno necessario, um jazigo de familia, de apparencia modesta, para o qual fará transladar, os meus restos mortais, bem como os de meu pae e de minha avó paterna e os de minha irmã Dona Camilla e marido José Moreira, que ahi estão sepultados tambem, ficando, todavia, tal jazigo a pertencer áquella minha herdeira e marido, para nelle poderem ser depositados os seus cadaveres e as de sua familia. Quero que a minha mesma herdeira entregue dentro de um anno, a contar do meu fallecimento, á junta da parochia da minha freguezia, a quantia de cem mil reis, destinados á ornamentação e alfayas do altar e augmento do culto de

Nossa Senhora da Saude, que se venera na respectiva igreja, e que não é de irmandade legalmente erecta. Quero, outro-sim, que da minha herança se separem cento e vinte contos de reis em dinheiro ou creditos hypothecarios bem garantidos, ou em uma e outra cousa; e que com dez d'esses contos de reis, com o rendimento da parte d'elles, que não for logo gasto, e com os meus rendimentos dos restantes cento e dez contos o dito meu testamenteiro compre terrenos no logar e sitio que mais que mais adquado seja, dentro da minha freguezia d'Oleiros, e nunca fóra d'ella, onde mande construir um edificio nas condições modernamente aconselhadas pela sciencia para hospital, destinado a receber e tratar gratuitamente doentes pobres de qualquer sexo, que sejam adultos e residam em qualquer ponto do concelho da Feira, cuja enfermaria deverá comportar quinze camas para cada sexo; e annexo a este edificio, quando nesse não haja inconveniente, ou separado em caso contrario, mas o mais proximo d'elle que seja possivel, mandará tambem construir outro edificio para asylo, destinado a receber e tratar gratuitamente pessoas pobres de qualquer sexo que residam em qualquer parte do concelho da Feira e sejam invalidas ou impossibilitadas de trabalhar, e ao mesmo tempo as doentes, convalescentes de doenças agudas, que tiverem alta no mesmo hospital, em quanto durar essa convalescença, o qual deverá conter tambem quinze camas para asylados de cada sexo, construindo ainda neste edificio uma capella, sob a invocação de "Nossa Senhora da Saúde", com comunicação externa para a via publica e interna para o asylo, afim de o publico e os asylados poderem assistir a missa, que quero seja ali rezada in perpetuum todos os domingos e dias santificados, applicada por minha alma nos proximos seis mezes do

anno; por alma da minha mãe nos dois mezes seguintes; por alma de meu pae nos dois mezes immediatos a estes; e pelas almas que estiverem no Purgatorio nos dois ultimos mezes do anno. E na fachada principal do edificio, no caso de haver só uma, mandará o meu testamenteiro pôr a legenda: "Hospital-Asylo Nossa Senhora da Saude" seguida da era do acabamento da construcção; e no caso de cada edificio ter sua fachada distincta, então será collocada, respectivamente em cada um, as legendas: "Hospital Nossa Senhora da Saude" e "Asylo Nossa Senhora da Saúde" seguida cada uma da era do acabamento da respectiva construcção. Que se algum terreno escolhido para estas construcções for dos que me pertencerem á minha morte, deverá tal terreno ser avaliado por trez peritos, e o seu valor deduzido no capital dos dez contos destinado a ser gasto nas mesmas construcções, como se fóra comprado a terceiro, ficando destinado o resto somente d'esses dez contos com os respectivos rendimentos e com os rendimentos dos cento e dez contos restantes para o começo e conclusão das ditas obras. Se eu testador chegar a comprar e pagar em minha vida alguns d'esses terrenos, e a principiar algumas d'essas construcções, também quero que n'este caso sejam deduzidos do capital dos dez contos mencionados o preço que eu houver gasto na respectiva compra e todas as mais despezas que eu houver feito com o começo das construcções até a data da minha morte. Quero que taes construcções estejam concluídas dentro de cinco annos, a contar da minha morte, quando o não possam estar antes; e que em seguida o meu testamenteiro, ainda com os rendimentos dos cento e dez contos de reis as mande mobilar devidamente, adquirindo o necessario para as pôr em circunstancias de poder servir para o fim a

que são destinadas, com a modificação somente de que só se montarão dezeseis camas no hospital e outras dezeseis no asylo, preparadas para receber outros tantos doentes e asylados, oito de cada sexo, ficando a aquisição das vinte e oito camas restantes e respectivas roupas para quando os rendimentos do fundo permanente o permittirem, devendo ser o fundo do hospital e asylo de cento e seis contos de reis e o da capella dos quatro contos restantes, que todos deverão estar sempre empregados em creditos hypothecarios ou em titulos fiduciarios de assentamento, que não ofereçam menor vantagem de garantia e rendimento, pois só este e não o capital é que fica destinado á manutenção de todos estes estabelecimentos. Que apenas o dito hospital e asylo estejam em circumstancias de poder receber os dezeseis pobres e outros tantos asylados, serão entregues, com os mencionados cento e dez contos de reis para fundos permanentes, a uma commissão administrativa permanente, que será composta do individuo que tiver sido eleito provedor da Santa Casa da Misericordia da Feira, e estiver funcionando como tal, o qual ficará sendo o presidente perpetuo d'esta commissão, do reverendo presbytero, que estiver parochiando a minha freguezia, e do meu dito testamenteiro João Augusto da Cunha Sampaio Maia, a qual d'elles tomará conta com tudo quando nelles se achar, passando a fazer os regulamentos necessarios e a nomear o pessoal indispensavel pata o prompto funcionamento do hospital, asylo e capella, devendo as suas sessões ter lugar na sala que lhe for destinada em qualquer dos edificios; podendo, todavia, o que for provedor da Misericordia delegar em pessoa da sua escolha os poderes para o representar como membro e presidente da comissão, para qualquer acto da mesma. Que esta commissão será permanente e se

perpetuará da seguinte forma: ao que for provedor da Misericordia e parocho da freguezia succederão, respectivamente, os futuros provedores e parochos, quanto ao marido da minha herdeira, a esse succederá n'esta commissão o seu descendente varão mais velho e na sua falta o immediato succedendo-se assim indefinidamente pelos descendentes varões do herdeiro que tiver servido. E quando não haja descendentes nestas condições, ou sejam ainda menores, nesse caso será chamado um parente varão da linha transversal em grao mais proximo, segundo o direito civil, e, em egualdade de graos, o mais velho, para supprir a lacuna do descendente, na primeira hypothese, oyu para o substituir durante a menoridade, na segunda. Se algum dia os rendimentos do fundo permanente forem augmentados com outros, provenientes de novos legados, heranças ou doações, fica obrigada a commissão a ampliar immediatamente estas instituições, conforme as necessidades de todo o concelho compatíveis com tais rendimentos, podendo e devendo logo que possa ser, admittir no hospital quaesquer doentes que queiram ahi ser tratados mediante a retribuição que for determinada em rtregulamento, sem prejuizo, todavia, da admissão dos doentes pobres, que estiverem em condições de ser ahi recoçhidos. Em tudo o mais a commissão cumprirá os seus deveres, que não ousou estar a lembrar-lhe, tendo sempre em attenção que o meu maior desejo é que taes instituições aproveitem ao maior numero de pobres de todo o concelho, e d'estes os mais necessitados, e que para a sua decente sustentação são precisos muito zelo e ecomonia. Quero que a minha herdeira, dentro de um anno a contar da minha morte, entregue a quantia de quinhentos mil reis á Santa Casa da Misericordia do Porto, de que sou irmão, e cem mil reis á minha antiga

criada Maria, se ela estiver ao meu serviço á minha morte. Declaro que os meus sobrinhos Adriano e José, irmãos da minha hedeira, actualmnete nada me devem; e posto que cada um d'elles tenha rendimnetos proprios para poder viver modesta mas commodamnete, muito principalmente se persistirem na intenção, que tem manifestado, de se não quererem casar, todavia, para les mostrar mais uma vez a minha amizade, quero que a minha herdeira dê a cada um d'elles a prestação semestral de cincuenta mil reis no primeiro de janeiro e de julho de cada anno, devendo esta obrigação começar somente depois de entregues á respectiva commissão administrativa as instruições que atraz mencionei, e devendo terminar cada uma por morte de cada um dos ditos meus sobrinhos; qual lhe disser respeito. E porque me custa escrever nesta ocasião pedi ao meu particular amigo Manuel Maria Corrêa de Sá, casado, escrivão e tabellião, actualmente em goso de licença, morador na Villa da Feira, que por mim escrevesse este meu testamento, o qual li depois d'escripto e por o achar conforme com a minha ultima vontade, o assigno e rubrico, nesta Praia d'Espinho, aos quatorze de março de mil oito centtos noventa e nove. Em tempo de claro que a missa perpetua na capella, aos domingos e dias santificados, nos dois ultimos mezes do anno, não será applicada pelas almas do Purgatorio, como retro declarei, mas sim pela alma da minha avó paterna; e nais declaroque, se alguma das actuais freguezias do concelho da Feira for do mesmo desmembrada, nem por isso os pobres e doentes dessa freguezia perderão o direito de ser recolhidos e tratados no asylo e hospital que deixo instituidos.

[Seguem-se ressalvas, auto d'appreciação, datas, assinaturas, etc.].

Dr. João Augusto da Cunha Sampaio Maia, Conde de S. João de Ver e testamenteiro de Joaquim de Sá Couto

Biografia

Quem veio, pois, a dar forma bem palpável ao sonho do Comendador, por força do seu testamento, foi o Dr. João Augusto da Cunha Sampaio Maia. Nasceu em 21 de Março de 1857 em S. João de Ver, filho de Caetano Augusto da Cunha Sampaio Maia e de D. Luiza Teodora Clara Correia de Pinho. Viria a ser pai de D. Inês de Sampaio Maia de Castro Saraiva e do Dr. Ângelo da Cunha Sampaio Maia e de Amadeu Sampaio Maia.

Médico-cirurgião, formado pela antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1883, fora estudante distintíssimo, com notas de “accessits” em todas as cadeiras e obtivera, no seu 5.º ano, o prémio Barão de Castelo de Paiva. Casou, no ano seguinte (7 de Janeiro), com D. Emília Augusta de Sá Couto Moreira, filha de José Moreira Pinto e da sobrinha do Comendador Joaquim de Sá Couto, D. Camila Augusta de Sá Couto, do lugar do Candal desta freguesia de S. Paio de Oleiros.

Nomeado por testamento do Comendador seu testamenteiro, deixou, pouco depois da morte deste, em 1902, o cargo de médico-cirurgião municipal da Feira na área da beira-mar com sede em Paços de Brandão, para exercer as novas funções que lhe foram cometidas na direção do Hospital-Asilo Nossa Senhora da Saúde, que fizera construir. Colocando nessa missão todo o seu saber



4/ Conde de S. João de Ver.

e sempre preocupado com as delicadas questões relacionadas com a higiene, transformou-o num estabelecimento que poderia ombrear com os seus congéneres das grandes cidades, apesar da desvalorização da moeda decorrente da primeira Grande Guerra, que em muito prejudicou o fundo permanente de dotação do Hospital.

Dois anos depois, por decreto de 25 de Julho de 1904 e a instâncias do Sr. conselheiro Teixeira de Souza, ex-ministro da Marinha e Fazenda, foi agraciado pelo Rei D. Carlos com o título de Conde de S. João de Ver.

Era chefe local do Partido Progressista e, em Abril de 1906, assumiu o cargo de Presidente da Câmara da Feira. Por essa altura, em discordância com o pacto franco-progressista dos tabacos, demite-se do partido e ingressa no Partido Progressista Dissidente, em sintonia com o Partido Regenerador local. Os progressistas ortodoxos não lhe perdoam, pelo que, no início do ano seguinte, substituem-no na presidência da Câmara pelo vice-presidente, João de Magalhães, passando o conde a vereador.

Descendente dos Cunhas e Sampaio, pelo seu solar da Torre passaram os seus avós desde o século XVII. Ali nasceu e ali morreu, após prolongada doença, a 8 de Junho de 1938. Mas, por sua vontade, após ter estado exposto em câmara ardente numa das ricas salas do solar, o seu corpo, acompanhado de dezenas de carros, foi conduzido, dois dias depois, pelos Bombeiros Voluntários da Feira, à capela privativa do Hospital Nossa Senhora da Saúde, onde foi rezada missa. Logo depois um extenso préstito, em impressionante manifestação de pesar e solidariedade, acompanhou o seu corpo à nossa Igreja Matriz, onde lhe foram feitas solenes exéquias. Ficou sepultado no jazigo hoje denominado dos Condes de S.

João de Ver, no cemitério oleirense, onde usaram da palavra em elogio fúnebre o Dr. Crispim Borges de Castro, o presidente da Câmara, Dr. Roberto Vaz, o Dr. Fernando de Tavares e Távora, o Professor Paulino Amorim e o Dr. Belchior Cardoso da Costa, que dirigiu o funeral.

Natural de S. de João de Ver, muito lhe deve, porém, S. Paio de Oleiros, pelo zelo e exemplar competência com que executou a última vontade de seu tio em privilegiar a nossa freguesia com a construção do Hospital-Asilo e em dotá-lo das condições mais avançadas para a época.

Mas não ficou por aí. O Dr. Fernando Sampaio Maia, seu bisneto, lembra que «o Conde de S. João de Ver, à custa da sua bolsa pessoal, conseguiu até 1938, data da sua morte, sustentar, ampliar e inovar o Hospital, tendo inclusive em 1923 – época em que tinham como diretor clínico o cirurgião Dr. José Amorim, coadjuvado pelo Dr. António Sampaio Maia – sido inaugurada a grande cirurgia pelo Dr. José Aroso que foi diretor da clínica cirúrgica do Hospital de Santo António».

Foi, sem dúvida, das figuras locais mais proeminentes do seu tempo, pelo que os jornais da região da época registavam todas as suas movimentações: as idas a Lisboa nas suas lides políticas ou as férias na sua casa de Espinho e todos os regressos à sua Casa da Torre, em S. João de Ver, ou ao seu «magnífico solar e quinta de Oleiros», ou seja, a quinta da Cardenha.



5/ Solar da Quinta da Cardenha – S. Paio de Oleiros.



6/ Outra perspectiva do solar da Quinta da Cardenha.

— capítulo II — A INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL-ASILO



A inauguração do Hospital-Asilo Nossa Senhora da Saúde estava prevista para 1907 e é essa data que consta da inscrição no seu frontispício, pois a última vontade expressa no testamento do Comendador Joaquim de Sá Couto, falecido em 1902, era que «taes construcções estejam concluídas dentro de cinco annos, a contar da minha morte, quando o não possam estar antes».⁸

O certo é que não foi possível concluir a obra a tempo e a inauguração ficou para o dia de Reis de 1909, véspera das bodas de prata matrimoniais do Conde de S. João de Ver, sobrinho de Sá Couto e seu testamenteiro.

Toda a imprensa da época se referiu ao evento, que teve mesmo honras de primeira página em *O Primeiro de Janeiro* do dia 12, com a inclusão de duas fotografias das fachadas principal e lateral, podendo mesmo aquilatar-se, pela afluência de gente que se vê na primeira, pelos postes engalanados e pela nuvem de bandeiras presentes, quão festivas foram as cerimónias e quão histórico foi aquele dia para as terras que o Comendador quis privilegiar com a sua herança: a freguesia de S. Paio de Oleiros, único lugar onde ele quis aquela obra de caridade, o concelho da Feira e o jovem concelho de Espinho, que ia fazer 10 anos de idade.

Acorreu ali, naquele dia de sol, uma «romaria imensa» de povo da localidade e da vizinhança e ainda muito outro dos lados do Porto, Espinho, Esmoriz, Feira, Oliveira de Azeméis, que, chegando pela então recente linha do Vouga, em comboios organizados especialmente para aquela ocasião, originou um «colossal ajuntamento de pessoas [...], levadas alli sem convite, no único propósito de se associarem espontaneamente à apoteose feita ao benemérito». Para contribuir para a animação

8/ FALTA NOTA DE RODAPÉ

daquele «povo aglomerado em massa», houve até a atuação de duas bandas de música e iluminações noturnas.

Todas as cerimónias do programa foram presididas por D. António Barroso, bispo do Porto, que, por volta das 11 horas, procedeu à bênção dos edifícios, incluindo a capela anexa, dedicada, também ela, a Nossa Senhora da Saúde. Seguiu-se-lhe missa cantada e abrilhantada pela orquestra dos Bombeiros Voluntários de Ovar, regida pelo sr. Luiz Augusto de Lima. O sermão esteve a cargo do Reverendo Augusto Pinto Vieira da Silva, natural de Oleiros e aluno de Teologia na Universidade de Coimbra, e, apesar de ser a sua primeira homilia, constituiu «eloquente oração, pondo em relevo as virtudes do bondoso instituidor».

Concluída a componente religiosa, seguiu-se-lhe uma sessão solene no salão nobre do Hospital, aberta com a intervenção do prelado, que se felicitava «por ter na sua diocese homens da estatura moral do senhor Conde de S. João de Ver». Usaram da palavra, ainda, o senhor conselheiro Costa, o abade de Arrifana, o Dr. Vaz Ferreira, antigo governador civil, o escrivão-notário José Cândido Marques d'Azevedo, o Dr. Castro Soares, oleirense de nascimento e primeiro presidente da Câmara de Espinho, todos eles elogiando a ação e a dimensão humanitárias do instituidor e do Conde de S. João de Ver, que encerrou a sessão.

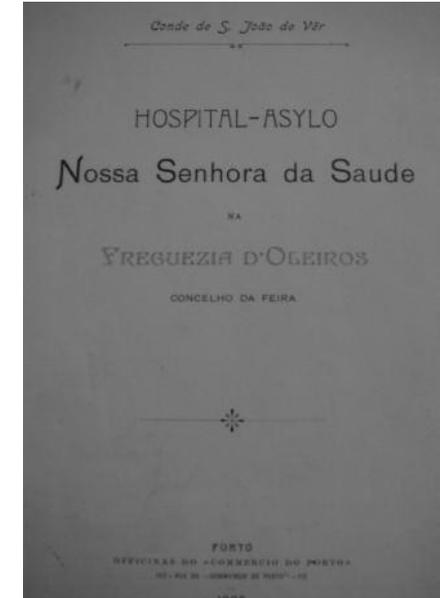
A sua intervenção encareceu as virtualidades daquela obra, considerada modelar, dotada de todas as condições, obediente às normas higiénicas e científicas mais avançadas para a época e de um asseio primoroso, capaz de rivalizar com os melhores estabelecimentos congêneres do país.

O Conde, aliás, editara, uns dias antes, um opúsculo intitulado *Hospital-Asylo Nossa Senhora da Saúde na Freguesia de Oleiros Concelho da Feira*, ilustrado com várias fotografias, que era, afinal, a memória descritiva do empreendimento, da qual se depreendem todos os cuidados colocados na escolha do terreno, na orientação dos edifícios, na qualidade dos materiais, na sujeição às disposições sanitárias e nas demais particularidades da construção que fariam dela um paradigma de modernidade, que não traísse as disposições testamentárias do doador. O número daquele mês de Janeiro da revista *Medicina Moderna*, de que era colaborador o feirense Dr. Aguiar Cardoso, ao fazer referência à festa de inauguração, haveria de transcrever justamente os elementos descritivos desse opúsculo.

A finalizar o seu discurso, o Conde não esqueceu a referência às contribuições de outros obreiros, entre os quais destacaria o Abade de Oleiros, P.^o David da Mota e Pinho, os empreiteiros Castro e Manuel Henriques da Cruz e, ainda, Manuel Pinto Barbosa, presidente da Junta de Oleiros, então já falecido.

Foi descerrado, em seguida, na sala da administração, o monumental retrato do Comendador Sá Couto, em tamanho natural.

Os convidados, mais de uma centena, foram, depois, encaminhados para o «lindo e pitoresco palacete» do Conde, onde lhes foi servido um lauto banquete «de cerca de oitenta talheres». Entre eles, estavam alguns abades da vizinhança, muitas personalidades de Espinho e da Feira, com as respetivas câmaras, servindo certamente o tema do Hospital para sarar também algumas feridas de antigas contendas entre ambos os concelhos.



7/ Primeiro opúsculo sobre o Hospital pelo Conde de S. João de Ver.



8/ Hospital-Asylo Nossa Senhora da Saúde no seu início.



9/ Capela do Hospital sob invocação de N.ª S.ª da Saúde.



10/ Uma das enfermarias primitivas.

O jornal *Informador* (da Feira), saído dois dias depois, lamenta-se por não ter espaço para mencionar todas as damas e cavalheiros presentes nas cerimónias, que não haveriam de terminar sem a troca de calorosos brindes «ao champagne», sem a realização de uma «soirée dançante no salão profusamente iluminado» e sem as vozes das senhoras D. Maria Soares d'Albergaria e D. Maria Emília Machado Pinto, que cantaram e encantaram.⁹

E assim começava uma saga humanitária de aproximadamente um século, que ajudou a transformar Oleiros, a dar-lhe notoriedade e foi o orgulho da sua gente.

E começou apenas com o seguinte pessoal: o efetivo externo, constituído por um diretor clínico, um secretário, um tesoureiro, um capelão e um barbeiro, e o efetivo interno, composto por um fiscal, um enfermeiro, uma enfermeira, um ajudante de enfermeiro e uma ajudante de enfermeira, um empregado dos serviços gerais, uma cozinheira, uma roupeira, um cozinheiro-ajudante e um porteiro. O maior vencimento anual cabia ao fiscal (200 mil réis), seguindo-se o do director (160 mil réis), e o menor ao porteiro (20 mil réis).¹⁰

Mais tarde, em 1916, pela mão e proteção do Dr. Ângelo Sampaio Maia, chegariam de Tuy ao Hospital-Asilo as Irmãs Hospitaleiras da Ordem Terceira de S. Francisco que aqui desempenharam um papel determinante para uma melhoria do serviço assistencial prestado.

Apesar do avultado legado do Comendador Sá Couto, o Hospital viveu épocas de grandes dificuldades. Logo em 1926, o célebre regedor Guilherme Domingues Pereira, nessa qualidade e «servindo na falta daqueles que o não querem ser», elogiava Sá Couto e o seu Hospital-Asylo, mas, atendendo a que este não fora dotado com outros

9/ FALTA NOTA DE RODAPÉ

10/ Quadro de pessoal e vencimentos aprovado pelo Diário do Governo de 29 de Julho de 1909.

legados e sofrera, entretanto, «o flagelo da desvalorização da moeda», apelava a que, dados os enormes benefícios que trouxera à população e, sobretudo, aos mais infelizes, se lhe fizessem doações, se organizassem quermesses em seu favor e que, em vez de luxuosos funerais à morte, as pessoas lhe destinassem os seus legados.¹¹

O Hospital serviu, aliás, nessa altura de arma de arremesso no diferendo entre a Feira e Espinho. Recorde-se que, nesse ano de 1926 e até 1928, a freguesia de Oleiros foi integrada no concelho de Espinho. A Feira, pela voz do Presidente da Comissão de Assistência Pública do concelho, Dr. Aguiar Cardoso, afirmava que o Hospital de Oleiros efetuava os seus serviços de assistência apenas graça às generosas verbas recebidas da mesma Comissão e acusava o município de Espinho de se recusar a dar idêntica contribuição. Acrescentava: «Alega Espinho que nenhum doente do seu concelho utilizou serviços do Hospital-Asylo de Oleiros, quando o contrário é que é verdadeiro. [...] O sr. Ministro do Interior prejudica e ofende gravemente a Feira desmembrando a freguesia de Oleiros do seu concelho, e galardoa Espinho anexando-lhe essa freguesia, sede do único Hospital que a Feira possui.»¹²

Entretanto, Oleiros regressa à Feira e o Hospital prossegue a sua obra de assistência a ambos os concelhos, dentro do espírito de imparcialidade do Comendador.

Mas esta gesta de bem-fazer teria o seu amargo desfecho em 1998 com o encerramento do estabelecimento em favor do Hospital de S. Sebastião, constituindo o facto a perda mais relevante da história de S. Paio de Oleiros.

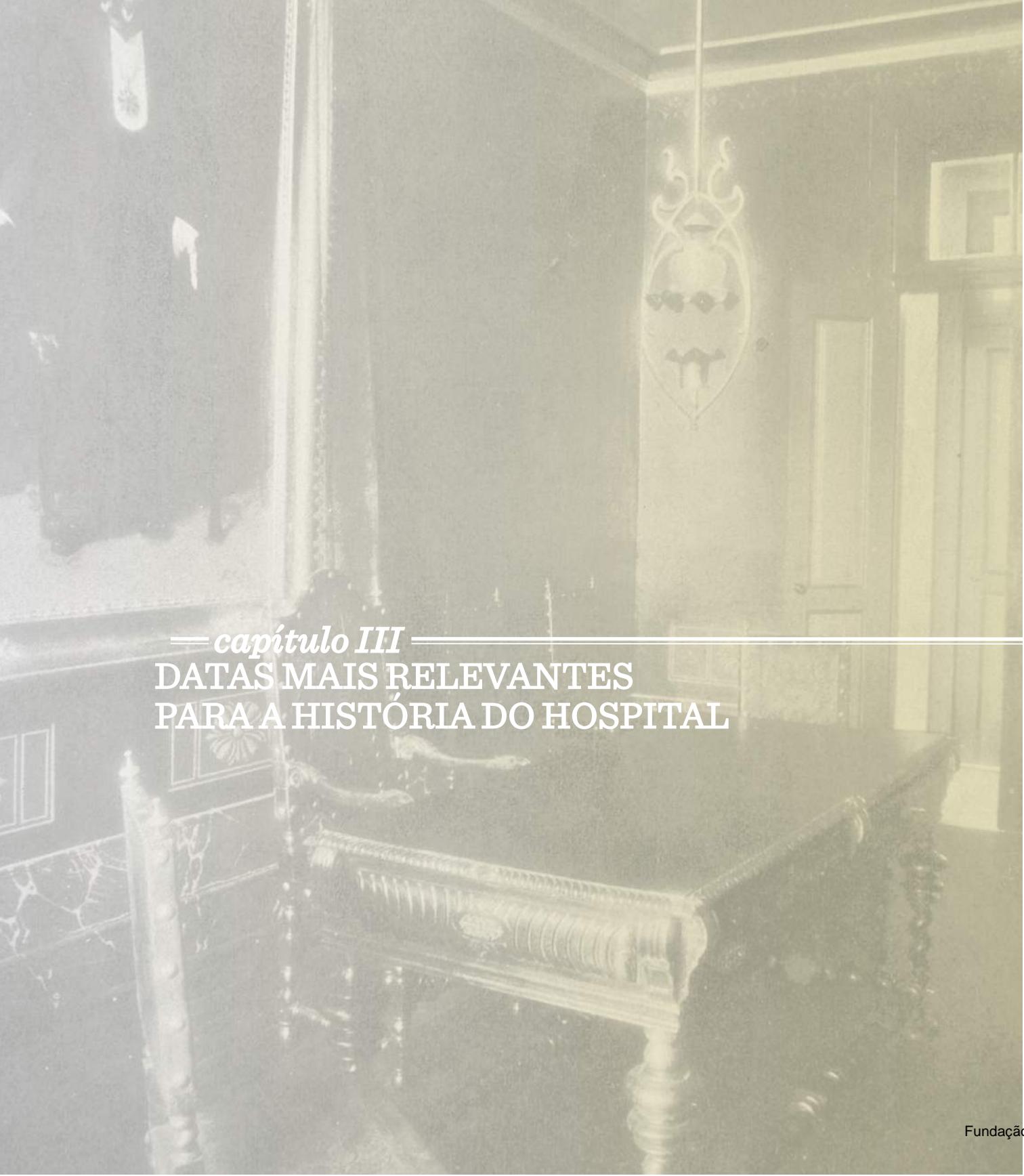
A ferida deixada nos oleirenses com este tremendo golpe, sem outra qualquer compensação, dificilmente cicatrizará.

11/ Correio da Feira n.º 1487 de 17/4/1926.

12/ Correio da Feira n.º 1531 de 12/3/1927.



11/ Vestíbulo da casa da Administração Geral.



— *capítulo III* —
DATAS MAIS RELEVANTES
PARA A HISTÓRIA DO HOSPITAL

1.^a fase: do início a cerca dos anos 70

1 8

1903

Em 7 de Fevereiro, segundo o *Correio da Feira*, «está escolhido o terreno onde se projecta edificar o Hospital e capela, em cumprimento do legado do Comendador Joaquim de Sá Couto». E ainda: «O sr. Eng.º Adães Bermudes foi encarregado de organizar as respectivas plantas».

1904

5 de Março: adjudicação da empreitada de construção das obras do Hospital-Asilo aos srs. José Alves da Costa e Castro, Manuel Carvalho da Silva, Manuel Pinto Barbosa, Manuel Henriques da Cruz e António Sá Couto pela quantia de 24.900 réis.

23 de Novembro: foi colocado na sala das sessões da Câmara Municipal o retrato a óleo do Comendador Sá Couto, em sua memória e em atenção ao seu legado para a construção do Hospital.

1909

Queixas no *Correio da Feira* de 28 de Agosto: «Vão já passados todos estes meses e o Hospital conserva-se fechado aos doentes a que foi destinado. Que motivos?» Mas, em 6 de Novembro: «Já está aberto o Hospital de Oleiros, posto que com pessoal provisório». Começara a funcionar no primeiro dia daquele mês. E a *Gazeta de Espinho* de 28/11 observa que o «Hospital-Asilo de Oleiros acha-se definitivamente aberto, recebendo doentes e asi-

lados dos concelhos da Feira e Espinho».

1918

Construção do bloco operatório.

1923

Inauguração da grande cirurgia pelo Dr. José Aroso, diretor da clínica cirúrgica do Hospital de Santo António.

1926

Movimento de Doentes Internados: doentes vindos do ano anterior – 1 Masculino e 8 Femininos; doentes admitidos durante o ano – 18 M e 30 F; total de doentes em tratamento – 19 M e 30 F; doentes saídos curados ou melhorados – 16 M e 31 F; falecidos – 2 F; doentes que ficaram em tratamento para o ano seguinte – 3 M e 5 F.

Movimento de asilados: existência no 1.º dia do ano – 2 M e 4 F; entraram durante o ano – 1 M e 6 F; total dos saídos durante o ano – 2 F; entregues à família – 2 F; faleceu – 1 F; Existência no último dia do ano – 3 M e 7 F.

Movimento de doentes no banco do Hospital: 2.600 consultas (1.100 M e 1.500 F); 3.400 curativos e outros tratamentos (1.300 M e 2.100 F), 500 vacinações (200 M e 300 F); 10 doentes (6 M e 4 F) baixaram ao Hospital, devido à gravidade do seu estado; 1.200 intervenções de pequena cirurgia no banco (767 M e 433 F); 12 intervenções de grande cirurgia no Hospital (7 M e 5 F); 153 transportes de doentes ou feridos.¹³

Até 1938

Ampliação das instalações.

13/ Dados publicados pelo Presidente da Comissão de Assistência Pública no concelho da Feira, Dr. Aguiar Cardoso, no Correio da Feira n.º 1531, de 12/03/1927.

2.ª fase: de cerca dos anos 70 a 2009

28

1968

Contribuição da população a partir desta altura.

1973

Início das obras da 1.ª parte da 2.ª fase. Peditório no Brasil.

População continua a contribuir. Estado acede a participar com 50%.

1974

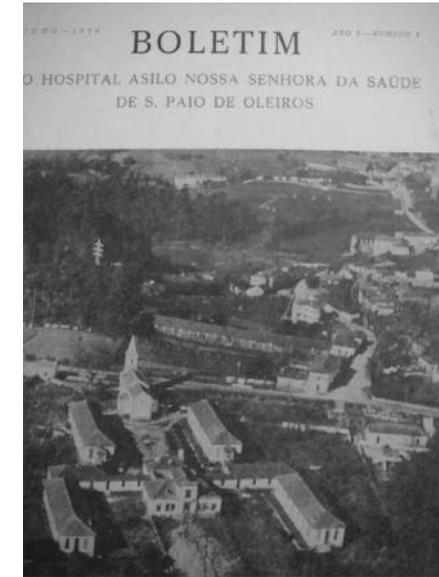
As obras prosseguem em bom ritmo após a revolução do 25 de Abril.

1976

Nacionalização dos hospitais. O de S. Paio de Oleiros passará a designar-se por Hospital Concelhio da Feira.

1978

Conclusão da 1.ª Parte da 2.ª fase. Foram gastos até então, segundo *O Comércio do Porto* de 23 de Setembro, 150 mil contos. Faltaria 1/3 para concluir a obra, mas não há luz verde para a 3.ª fase. Titula o jornal: «Em S. Paio de Oleiros, a não conclusão das obras do hospital é um atentado ao esforço da população» e escreve no *lead* da notícia: «Mais de sessenta mil habitantes do concelho de Vila da Feira estão em vias de ficar sem hospital, em S. Paio de Oleiros, com capacidade para 120 camas, bloco oper-



13/ Boletim do Hospital - Ano I - N.º 1 - Junho 1970.



16/ Hospital ampliado.

atório e serviço de urgência, em virtude daquele centro hospitalar, importantíssimo na zona, não poder ser concluído, na última fase, por o Estado não querer cumprir com o disposto na legislação vigente e não assumir os compromissos que datam de 1976». E lê-se no parágrafo seguinte: «S. Paio de Oleiros conta com um velho hospital de 84 camas, já obsoleto e que não serve as necessidades da zona densamente povoada e industrializada, sobretudo a norte do concelho. Caso não venham a ser concluídas as obras em curso e não se dê de imediato início às da terceira fase, o velho hospital (de 84 camas) será substituído por um novo com... 44».

No dia 2 de Outubro, grande manifestação popular pró-hospital.

1984

O jornalista Aurélio Cunha publica no *JN* de 3 de Agosto um artigo polémico visando a maternidade do hospital, que considera «um aborto». Em números subsequentes do mesmo jornal, levantam-se algumas vozes, sobretudo de utentes, a defendê-lo.

1987

A 25 de Setembro, a Assembleia Municipal aprova moção recomendando à Câmara Municipal que insista com o Governo no sentido da conclusão da 3.ª fase.

1988

À maternidade continua a recorrer, no entanto, grande número de parturientes, mesmo de outros concelhos: Ovar, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Arouca, Vila Nova de Gaia.

O deputado Baptista Cardoso exige justiça para o nosso concelho e a construção urgente do Hospital Regional de Santa Maria da Feira. Não fez, porém, a mínima menção ao processo do Hospital de Oleiros, que é visitado, entretanto, pelo Secretário de Estado da Administração da Saúde, Eng.º Fernando Costa Freire, o qual confirma a proposta feita pelos técnicos do SUCH – Serviço de Utilização Comum dos Hospitais – de que se iria proceder às obras consideradas mais prementes para uma maior rentabilização do hospital oleirense: um bloco operatório; um bloco de esterilização; um serviço de atendimento novo, gabinetes para consultas externas; salas de observação, adstritas ao serviço de atendimento.

Opera-se, entretanto, uma redução drástica de valências, com a extinção da urologia, cardiologia, otorrinolaringologia, de acordo com a orientação geral de que a hospitais do tipo H1 só devem ser atribuídas valências básicas: medicina, cirurgia, obstetrícia e pediatria. A Oleiros é atribuída a maternidade e a Espinho, a pediatria (Oleiros fica com neonatologia).

1989

Em Novembro, inicia-se a construção, nos terrenos anexos ao Hospital, também da Fundação, do novo edifício para o Lar Condes de S. João de Ver, destinado a residência permanente de 60 idosos.

Em 23 de Dezembro, a Assembleia Municipal aprova uma proposta pelo urgente andamento do processo de construção do Hospital da Feira e também do processo do Hospital Distrital de Oleiros, solicitando ao Governo todo o apoio necessário ao seu eficaz funcionamento e melhoria das instalações.

1990

O Hospital regista o seguinte movimento anual (média dos 2 anos anteriores): 50 704 pessoas atendidas no Serviço de Urgência; 13 736 consultas de especialidade; 30 930 análises clínicas realizadas; 14 218 exames radiológicos efectuados; 1 174 nascimentos; 1 036 intervenções cirúrgicas; 2 935 internamentos.

Em Maio, o director do Hospital, Dr. António Pedro, garantia em entrevista ao jornal *Diálogo*: «S. Paio de Oleiros será essencialmente um serviço de materno-infantil. Vai ter uma obstetrícia e uma neonatologia fortes».

De acordo com o mesmo jornal, a Câmara prometia, por essa altura, diversos apoios às obras do Hospital. Teria mesmo já dado «luz verde à realização de um projecto para obras de acesso através de um túnel que evitará os perigos decorrentes da actual travessia da linha-férrea».

1991

Inicia-se o funcionamento do Gabinete do Utente.

Neste ano em que S. Paio de Oleiros ganhava o estatuto de vila, o Hospital dispunha dos seguintes serviços e valências:

- Internamento: serviço de medicina interna, cirurgia geral, obstetrícia, ginecologia, neonatologia, ortopedia e oftalmologia;
- Consulta externa: medicina interna, cirurgia geral, obstetrícia, ginecologia, planeamento familiar, neonatologia, ortopedia e oftalmologia;
- Meios complementares de diagnóstico e terapêutica: radiologia e análises clínicas;

- Urgência: serviço de atendimento permanente (urgência 24 horas por dia).

1992

Segundo dados publicados na imprensa dois anos depois, o Hospital de Oleiros estava, nesta altura, classificado em 30.º lugar entre os cerca de 100 hospitais do país, à frente, por exemplo, dos de Espinho, Figueira da Foz e Castelo Branco e muito próximo do de Aveiro; recebeu 50 000 doentes; passavam diariamente pelos serviços de urgência 164 doentes em média e servia uma população de 130 000 habitantes.

Em Dezembro, a CESPOVILA – Comissão para a Elevação de S. Paio de Oleiros a Vila – solicitou apoio para a conclusão das obras da 3.ª fase aos quatro deputados (Narana Coissoró – CDS, Baptista Cardoso – PSD, José Mota – PS e Jerónimo de Sousa – PCP), que tinham subscrito a proposta de promoção da Oleiros a vila.

1993

Em Junho, a Câmara Municipal disponibilizou cerca de 30 000 contos para aplicar em obras no Hospital, sobretudo na área da entrada/CA.

Neste ano, a lotação do Hospital era de 75 camas e 25 berços e, ainda, 4 camas de OBS, que não faziam parte da lotação oficial. Foram também publicados os seguintes dados estatísticos:

Internamentos: doentes saídos – 3 488; actos cirúrgicos – 1 649; partos – 1 217; demora médica – 5,2 dias; taxa de ocupação – 56%.

Serviços de urgência: doentes saídos – 59 543; OBS – 636.

Consultas externas: 13 000 (10 valências).
Exames subsidiários: análises clínicas – 74 095; exames radiológicos – 18 335.

1994

Em Abril, o Presidente da Câmara, Alfredo Henriques, declara, em entrevista ao jornal *Diálogo*, que «o Hospital de S. Paio de Oleiros vai continuar o seu papel, independentemente da construção de um outro hospital no concelho». Em 22 de Julho, o Ministério da Saúde e a Câmara Municipal assinam protocolo para as obras da nova urgência: a Câmara avançaria com as obras, contribuindo com 49% dos custos. O contributo ministerial seria de igual montante, ficando os restantes 2% a cargo da Fundação Comendador Joaquim Sá Couto, proprietária do imóvel.

Em Outubro, o Ministro da Saúde, Dr. Paulo Mendo, anuncia, em programa televisivo, que a futura unidade hospitalar em construção na Feira (fase de terraplenagem) será privada. O *JN* dá conta de que fontes ligadas ao Ministério preveem para o Hospital de Oleiros um futuro negro: vai ser encerrado quando abrir o da Feira. Nesta altura, o estabelecimento oleirense tinha 75 camas, mais de 300 trabalhadores e um orçamento anual que rondava o milhão de contos.

O Hospital, que era “Regional de S. Paio de Oleiros”, regressa à designação primitiva (Hospital de Nossa Senhora da Saúde), na sequência de uma proposta feita pela Direção, em Junho do ano anterior, e de acordo com uma diretiva da Direção-Geral de Saúde de que «os hospitais devem adoptar designações de acordo com o seu histórico».

1995

Declarações do Presidente da Câmara, Alfredo Henriques, no jornal *Diálogo* de Novembro/Dezembro: «O Hospital de Oleiros tem tido um papel preponderante no concelho, especialmente na zona norte, e vai continuar a desempenhar um papel importante. Já disse várias vezes que o Hospital da Feira foi estudado e programado a contar com o de Oleiros e com outros desta área, tendo em conta o número de camas e os serviços neles existentes. Naturalmente que cada um irá ter os serviços para os quais está vocacionado».

Ministro da Saúde, Dr. Paulo Mendo, garante, pela mesma altura, no Porto, que o Hospital de Oleiros não é para fechar «nem antes nem depois de o da Feira abrir».

1996

É constituída a Liga de Amigos do Hospital, cuja direção é entregue à Dr.^a Luísa de Mesquita, que trabalhará, sempre solícita e dedicadamente, 42 anos naquele estabelecimento.

1997

Em Janeiro, o Presidente da Fundação Comendador Joaquim Sá Couto, Dr. Fernando Sampaio Maia, afirma ao jornal *Diálogo*: «Temos condições para administrar o Hospital».

A Assembleia de Freguesia de S. Paio de Oleiros convida a Ministra da Saúde a visitar o Hospital.

1998

A 21 de Fevereiro, a Assembleia de Freguesia aprova, por unanimidade, uma recomendação para que o Execu-



17/ Jornal Diálogo – Janeiro 1997.

tivo da Junta diligencie pela manutenção da atividade do Hospital, de modo a albergar, no mínimo, um Serviço de Atendimento Permanente, serviço de atendimento, de cuidados continuados, em articulação com o Hospital de S. Sebastião, e serviço de internamento em fase pré e pós-operatória de doentes. Aprovou ainda um voto de confiança à Fundação Comendador Joaquim Sá Couto e à Junta de Freguesia no sentido de defenderem os interesses dos munícipes e oleirenses na manutenção do Hospital.

A 5 de Junho, no entanto, o Hospital de S. Paio de Oleiros é extinto pelo Decreto-lei n.º 151/98.

No dia 10 de Outubro, dá-se, simbolicamente, a passagem do testemunho com 30 oleirenses a serem recebidos pelo diretor do hospital da Feira, Dr. Hugo Meireles, a pedido da Junta de Freguesia, para a primeira visita guiada às instalações.

Em 20 de Dezembro, muitas centenas de oleirenses e vizinhos, convocados pela Comissão Dinamizadora p'ra Defesa do SAP no Hospital de Oleiros, manifestam-se, em frente à fachada principal, contra a decisão de instalar na Feira o SAP que, durante algum tempo, usou as instalações do Hospital de Oleiros, fundindo-o com o SAP da sede do concelho.

Na mesma altura, a Assembleia Municipal aprova uma moção recomendando que o Hospital de Oleiros seja reconvertido e aproveitado, na certeza de que é vital para o Norte do concelho a existência de um SAP na nossa vila.

1999

A 4 de Janeiro, entra em funcionamento, na sede do concelho, o Hospital de S. Sebastião, que fora criado em

1996 e que, em 31 de Dezembro de 2005, será transformado em Entidade Pública Empresarial.

Em 28 de Maio, 15.840 cidadãos assinam uma petição para a reabertura de um serviço de atendimento permanente nas instalações devolutas do Hospital de Oleiros, para ocorrer à forte densidade populacional, à elevada concentração empresarial e à grande dinâmica económica e social da zona em que está implantado. A Comissão dinamizadora deste movimento pelo SAP contou com o apoio expresso dos Órgãos Autárquicos do Município e de Órgãos das 31 freguesias, tendo o presidente da Câmara sido o primeiro subscritor.

No dia 13 de Junho, os eleitores oleirenses boicotam em massa as eleições para o Parlamento Europeu: a abstenção atingiu uma cifra próxima dos 98%. No mesmo dia, a Comissão p'ra Defesa do SAP no Norte da Feira fizera apelo nesse sentido às freguesias de Oleiros, Mozelos, Nogueira da Regedoura e Paços de Brandão, como forma de mostrar a indignação das populações pelo encerramento do SAP que funcionou no ex-Hospital.

Em Julho, previa-se a entrada em funcionamento, a título transitório, do CAT – Centro de Assistência a Toxicodependentes nas instalações da antiga consulta externa do Hospital.

Em 30 de Agosto, é celebrado um protocolo entre a entidade proprietária das instalações – a Fundação Comendador Joaquim Sá Couto – e a Administração Regional de Saúde do Centro com vista à transferência da Extensão de Saúde de S. Paio de Oleiros para aquelas instalações.

Em Setembro, realizaram-se reuniões da Comissão pró SAP com autarcas e com a Administração Regional de Saúde, tendo resultado como compromisso a abertura

de um serviço de atendimento tipo “consulta aberta” das 08 às 20 horas, de 2ª a 6ª feira.

Em 19 de Outubro, comemora-se o 90.º aniversário da Fundação Comendador Joaquim Sá Couto, na Casa da Torre de S. João de Ver, domicílio do presidente, Dr. Fernando Sampaio Maia.

2003

Em 27 de Fevereiro, o deputado do PSD, Manuel Oliveira, intervém na Assembleia da República, lembrando o compromisso anterior e, ainda, a convicção que ficara nas populações e nos responsáveis políticos, aquando do encerramento do hospital, de que as suas instalações abrigariam não apenas o serviço de atendimento permanente, mas também uma unidade de retaguarda do Hospital de S. Sebastião.

2006

Inauguração, em 11 de Dezembro, da USF – Unidade de Saúde Familiar Sem Fronteiras – de S. Paio de Oleiros e Nogueira da Regedoura, para atendimento alternado em consulta aberta.

2008

A Fundação Comendador Joaquim Sá Couto estabelece uma parceria com a Fundação SANITUS, fundada pelo Prof. Dr. António Rui Leal (Fisiatra) e pelo Dr. António Verdelho Vieira (Neurocirurgião) para a criação de um “Clínica Fisiátrica” nas antigas instalações do Hospital de Oleiros (Pavilhão A), o qual se previa entrar em funcionamento no mês de Abril 2009.

Outros projetos deveriam seguir este inicial, de forma

a reabilitar todo o edifício e terminar finalmente a 2ª parte da 2º fase, ou seja a realizar a 3º fase deste Hospital. Isto com a introdução de um projeto internacional de formação e investigação apelidado “Balança da Saúde”, com o objetivo de prevenir DCV.

Aguardava-se também parecer e apoio do Ministério de Saúde (agora através da ARS Norte) para a instalação nas mesmas instalações de uma Unidade de Cuidados Continuados Integrados, o que, a acontecer, se revestiria de extraordinária importância económica e social para a nossa vila.

2009

Foi inaugurado, no dia 17 de Janeiro, a Sede da Associação Portuguesa de Doentes Neuromusculares (APN), a funcionar em instalações cedidas pela Fundação Comendador Joaquim Sá Couto, num espaço supra e contíguo à USF “Sem Fronteira”.



18/ Jornal Feira Norte – 5-6-2009.



19/ Correio da Feira 22-6-2009.

Bibliografia consultada:

- A MEDICINA MODERNA* n.º 181 XVI – Vol. VI, Janeiro 1909;
- BRANDÃO, Francisco Azevedo, *Anais da História de Espinho*, vol. I, p. 151;
- CONDE DE S. JOÃO DE VER, *Hospital-Asylo Nossa Senhora da Saude na Freguezia d’Oleiros Concelho da Feira*, Porto, Porto, Oficinas do Commercio do Porto, 1908;
- CORREIO DA FEIRA*, 09/01/1909, 17/04/1926 e 12/03/1927;
- DEFESA DE ESPINHO n.º 324, de 12/07/1938;
- DIÁLOGO* n.º 9, Janeiro/Fevereiro 1989;
- GAZETA D’ESPINHO*, 27/12/1908, 03 e 10/01/1909;
- GAZETA FEIRENSE*, 11/01/1909;
- LIMA, Manuel Magalhães, discurso proferido em 19/6/1999, nas comemorações dos 90 anos da Fundação Joaquim de Sá Couto, na Casa da Torre de S. João de Ver;
- O INFORMADOR*, 25/12/1908 e 08/01/1909;
- O PRIMEIRO DE JANEIRO*, 12/01/1909;
- PORTELA, Celestino, discurso proferido em 19/6/1999, nas comemorações dos 90 anos da Fundação Joaquim de Sá Couto, na Casa da Torre de S. João de Ver;
- PORTELA, Celestino, *Um Livro*, Santa Maria da Feira, LAF ?
- PROGRESSO DA FEIRA*, 17, 24 e 31/01 e 07/02/1909;
- TERRAS DA FEIRA*, 28/07/1994
- VISCONDE DE VALLADARES, «Fundação Comendador Joaquim de Sá Couto, 90 anos» in revista *Sol Nascente*, número especial 19, Março 2000.



20/ Rua do Hospital (perspetiva recente) .

PARTE II
A REATIVAÇÃO DO HOSPITAL E A OBRA DA FUNDAÇÃO SANITUS
(3.ª fase – a partir de 2009)

por ANTÓNIO RUI LEAL



— *capítulo IV* —
REATIVAÇÃO DO HOSPITAL
DE S. PAIO DE OLEIROS

Origem e “cruzamento” com a Fundação SANITUS

1 §

A partir de 2009 e do protocolo com a Fundação SANITUS, a história do Hospital de SPO passa a identificar-se com o desenvolvimento desta Fundação, embora tenham origens e conceitos-base diferentes. Neste sentido, apresenta-se em seguida o historial da mesma, onde se engloba, de forma intrínseca, a história da reativação progressiva de um hospital devoluto há 10 anos!

Origem e História(s) da SANITUS

2 §

A Fundação SANITUS (FS) é instituída em 2005 a partir da vontade de dois médicos, Prof. Dr. António Rui Leal (Fisiatra) e Dr. António Verdelho (Neurocirurgião), ambos com um percurso e vivências prévias fortemente ligados à intervenção social e ambiental, nomeadamente no renascimento da LPPS (Liga Portuguesa de Profilaxia Social), uma IPSS, com vocação para a saúde, histórica e emblemática da cidade do Porto. A primeira publicação dos estatutos da Fundação SANITUS ocorre no DR de 22-11-2005, registando-se aqui o seu nome. A Fundação SANITUS propõe uma visão ampla da Saúde no sentido em que esta tem que ser promovida, fomentada, “construída” na textura social e ambiental da comunidade.

As suas actividades estiveram aquiescentes até Outubro de 2007, altura em que instala a sua primeira sede

no Porto, na VitaClinic – Rua do Campo Alegre, 1236, clínica médica pertencente a um dos seus fundadores. A evolução do estatuto público das Fundações exige uma primeira alteração dos estatutos por ata notarial em DR a 09-10-2007, e passam a concretizar-se alguns projetos públicos, como o “IV Congresso Nacional de Fibromialgia” e a tradução do livro “Consentimento Informado” da Comissão de Bio-Ética da UNESCO (Dr Amnon Carmi), em colaboração com o Instituto Piaget.

Em 20-05-2008 é efetuada uma segunda revisão estatutária, constituem-se definitivamente os seus instituidores com a entrada de um terceiro médico, Dr. Carlos Oliveira, especialista em Medicina Geral e Familiar. A Fundação transita então definitivamente para a sua atual sede nos antigos espaços do Hospital de S. Paio de Oleiros (constituída por um edifício central de 5 pisos e 4 pavilhões históricos do original Hospital Nossa Senhora da Saúde de 1907. É formalizado um Contrato de usufruto por 30 anos, entre a Fundação SANITUS e a Fundação Comendador Joaquim Sá Couto, assinado em 20-06-09. Iniciam-se aqui importantes trabalhos de limpeza, remodelação e reabilitação do Hospital, que se encontrava devoluto há 10 anos.

Em 4 de Maio de 2009, a Fundação obtém o seu reconhecimento oficial pelo Ministério da Saúde, com registo na Direção Geral da Segurança Social, lavrado pela inscrição n.º 3/09, a fls. 93 a 94 Verso, do Livro n.º 2, das Instituições com Fim de Saúde, enquanto Fundação de Solidariedade Social com vocação para a saúde e UTILIDADE PÚBLICA. Em 15-8-2009, inaugura-se a Clínica

de Especialidades da SANITUS (Centenário).

Planeiam-se vários projetos, nomeadamente o “Complexo Clínico e Geriátrico NOVA VITA”, assim como projetos de intervenção nacional e internacional como a “Balança da Saúde” (iniciado em 2005), o VITA-Balance, o “VI Congresso Ibero-Americano de Reabilitação Cardíaca e Prevenção Secundária”, o Consórcio “Instituto Internacional de Investigação e Educação para a Saúde” e o Projeto “GEMIC-10”

Desde a sua criação que a Fundação SANITUS se tem dedicado ao desenvolvimento de projetos e eventos em prol da comunidade e de grupos de doentes, centrando-se nas áreas da saúde, da formação e da educação, dos quais se destacam:

Atividades realizadas de 2005 a 2007

Protocolos com um Hospital de Cardiologia da Bulgária e o “Center for Prevention on Drugs and HIV Infection” de Bombaim – Assinaram-se 2 protocolos de preparação para intercâmbios e formação, entre estes dois países, em duas áreas distintas de atuação.

Projecto “Balança da Saúde” (versão nacional) ou “VITABALANCE-MED” (versão internacional) – preparação de projeto que pretende difundir um novo conceito educativo de “Saúde Global”, com base num Poster contendo cinco pirâmides e num processo multi-

disciplinar de ensino em rede, baseado nos Professores, visando modificar de forma duradoura comportamentos sobre hábitos alimentares e exercício, em alunos do Ensino Básico, com o principal objetivo de prevenir a Obesidade/Diabetes Mellitus infantil e Doenças Cardiovasculares (DCV).

Representação, por convite, do Prof Dr. A Rui Leal, no “**IV Congresso Ibero-Americano de Reabilitação Cardíaca**”, realizado no **Panamá** em Outubro de 2007.

“**V Congresso Nacional de Fibromialgia: Trabalho, Família e Relação de Ajuda**” – Realizado, em Dezembro de 2007, no Hotel Ipanema Park do Porto, com a presença de várias dezenas de congressistas e doentes da Myos, debatendo de forma multidisciplinar a problemática do Trabalho e da Família.

4 §

Actividades realizadas em 2008

I Congresso Europeu de Prevenção Integrada – realizado na Ordem dos Médicos, na sequência da colaboração entre a FS e a EUROPART e VillaMedica (Alemanha), de 25 a 27 Set. de 2008. Contou com a presença de convidados / preletores europeus e apresentações por parte dos elementos do CA da FS. Incluiu uma tarde dedicada ao público em geral. Planeia-se a extensão deste projeto a outros países da Europa.

Publicação com o Instituto Piaget do Livro “**Consenti-**

mento Informado” – tradução do modelo da Comissão para a Bioética da UNESCO (Prof. Amnon Carmi). Editado em Março de 2008 e em divulgação através do Instituto Piaget.

Projeto “Complexo Clínico NOVA VITA” - Na sequência do protocolo realizado com a Fundação Comendador Joaquim Sá Couto (S. Paio de Oleiros) em 2007/2008 - Tinha subjacente a reabilitação do ex-hospital de S. Paio de Oleiros, sendo que pretendia abranger progressivamente 7 componentes, nomeadamente: Serviços Clínicos Integrados (2008-2009); Serviços de Apoio Domiciliário (2009-2010); Serviços Educativos para doentes/familiares e/ou técnicos (2009-2010); Unidade de Cuidados Continuados Integrados (2010-2011); Lar residencial “Nova VITA” (2010-2012); Clube SANITUS – Sénior Club (2010-2012) e Área Comercial (2012-2013). Realizaram-se diversas reuniões no sentido de encontrar o parceiro ideal para o término das obras iniciadas para a reabilitação do ex-Hospital, com 5 pisos e 4 pavilhões. Neste ano foram terminadas as obras de reabilitação do R/C e futura sede da SANITUS, graças a um protocolo celebrado com a MD, Lda., que irá garantir os serviços clínicos, assim como foi obtida a aprovação do projeto por parte da Delegação de Saúde e da ANPC. Definição da estratégia global do projeto e preparação do “andar tipo”, com 15 a 17 quartos, adaptados e a realizar. Aguardam-se novas reuniões e a autorização final da CMF para iniciar o projeto clínico em 2009, por etapas e ao longo dos próximos 3-4 anos.

Projeto “Balança da Saúde” - em colaboração com a

DECO-Norte e, se possível, com o apoio de Países de Leste e Rede de Estudantes / ICBAS. Foi realizada uma atualização de conceitos, projeto e poster-base e continua-se à procura de parceiros internacionais, tendo sido iniciados contactos para o seu desenvolvimento na Feira e na América do Sul.

Dinamização da **“Rede Mundial de Estudantes para a Prevenção Cardiovascular”** - continuação do apoio a este projeto, com apoio dos “Heart Friends Around the World” e a Federação de Estudantes de Medicina da América do Sul. Foi realizada uma página na WEB e os estudantes encontram-se já em contacto, via e-mails. Planeia-se eventual encontro em Lisboa, para 2010.

Visita e estágio de vários dias / meses de 2 elementos do CA da FS ao **“Centre de Readaptation Fonctionelle de St. Lazare”** enquanto modelo possível de organização e trabalho multidisciplinar para o “Complexo Clínico NOVA VITA”.

Reforço do protocolo com o **“Center for Prevention on Drugs and HIV Infection”** Bombaim – Índia, com novo convite para participação num Congresso em Bombaim, mas ao qual não nos foi possível responder;

Candidatura e Preparação do **“VI Congresso Ibero-Americano de Reabilitação Cardíaca”** – programa já em delineação para Maio de 2010, em Lisboa, a protocolar com FPC, HFAW, SEC e outras entidades (Discovery Cascade).

Atividades realizadas de 2009

58

I Encontro Luso-Francês “Coeur et Diabete” – realizado no Hotel Sheraton, na sequência da colaboração entre a Sanitus e a Discovery Cascade (Paris), com a VitaClinic (Porto), de 24 a 27 Set. de 2009. Contou com a presença de mais de 90 participantes convidados/preletores franceses e portugueses e 2 apresentações por parte de elementos do CA da FS. Incluiu uma manhã dedicada a visitas de estabelecimentos clínicos e uma discussão sobre os sistemas de saúde de ambos os países. Planeia-se a continuação deste intercâmbio em 2010.

V Congresso Nacional de Fibromialgia – realizado em 4 e 5 de Dezembro no pavilhão “Ruy Marcelino” (recém-reabilitado), da Sede da SANITUS. Na sequência dos anteriores Congressos, contou com a presença de mais de 35 participantes, convidados/preletores e apresentações por parte de vários técnicos, do Conselho de Administração e Município da Feira. Incluiu uma manhã dedicada a um Workshops prático, sobre a plantigrafia digital do membro inferior e uma discussão sobre os sistemas de apoio na FM. Planeia-se a sua continuação num novo formato de Congresso, dedicado à *“Incapacidade na Doença Crónica”*.

Projeto “Complexo Clínico NOVA VITA” - na sequência do protocolo realizado com a Fundação Comendador Joaquim Sá Couto, realizaram-se vários trabalhos de reabilitação, reuniões e eventos coletivos, no sentido de encontrarem parceiros para a reabilitação do *“Complexo*

Clínico e Geriátrico de SPO”, assim como se terminou o projeto arquitetónico diretor. Conseguiram-se as aprovações da Delegação de Saúde e da ANPC em Maio. Foram realizadas 3 candidaturas para a reabilitação de 3 dos pisos, duas incluídas no POPH (2º e 3º piso) e uma no Programa MODELAR para a UCC (1º piso), de forma a garantir cofinanciamentos. Foram praticamente terminadas as obras de reabilitação do R/C e inaugurada a Sede da FS em 20-6-09, com a presença do Exmo Presidente do Município da Feira. Graças a vários protocolos celebrados em 4-12-09, a SANITUS poderia garantir diversos serviços clínicos neste piso e formação. Iniciou-se a reabilitação do Pav. A e 4º piso (refeitório/formação). Aguardavam-se novas parcerias, apoios do governo e a autorização da ARSN para redinamizar o projeto.

Projeto “Balança da Saúde - com o apoio da CM Feira e 3 agrupamentos de Escolas locais (2 intervenção e um de controle), foi realizada a atualização dos conceito-base, do design poster, da web-page e do projeto em geral, sendo aplicado em Setembro um curso de 25 horas a 18 professores do Ensino Básico. Cerca de 475 estudantes responderam aos questionários e aguardam a intervenção para se reavaliarem em 5 e 16 meses. Planeou-se um “Encontro Nacional de Professores para a Prevenção CV” em Dezembro de 2010, no âmbito do VI Congresso Iberoamericano. Continuava-se à procura de parceiros internacionais, tendo sido iniciados contactos para a seu desenvolvimento na América do Sul, associado à dinamização da “**Rede Mundial de Estudantes para a Prevenção Cardiovascular**” – com o apoio dos “Heart Friends Around the World” e a FELSOCEM. A cidade de

Covasna na Roménia seria uma possível parceria internacional.

Continuação da preparação do “VI Congresso Ibero-Americano de Reabilitação Cardíaca” – programa já em delineação para 2-4 Dezembro de 2010, no EUROParque de Sta M. da Feira, a protocolar com a FPC, HFAW, SEC e outras entidades (SPMT), este ano depois da participação do Presidente da SANITUS no “**V Congresso Ibero-Americano de Reabilitação Cardíaca y Prevenção Secundária**”, realizado de 28-11 a 1-12 no **Chile**, e que contou com várias apresentações públicas do Presidente da SANITUS.

Abertura da **Clínica de Especialidades Médicas** e respetiva Bênção pelo Pároco da Freguesia, em 15-8-2009, contando com a presença do Exmo. Presidente da Junta e da C.M da Feira;

Realização de eventos sociais para a Comunidade de S. Paio de Oleiros, como o Baile do Magusto e a Festa de Natal. Foi realizado o “**I Curso de Primeiros Socorros da Junta**” e eventos vários (reuniões de escolas, pais...) no pavilhão “Ruy Marcelino” (A). Preparou-se o “**I Curso Auxiliar de Geriatria**” e iniciou-se o projeto “**Movimentos a Três**” para 2010.

O local de trabalho da Administração (apelidado de “Comando”) foi mobilizado, organizado e está apto a funcionar como sede da SANITUS, para local de reuniões/planeamento estratégico e controle informático; foi terminada a limpeza e a arrumação prelimi-

nar do 5 pisos do edifício central e iniciou-se a reabilitações dos 4 pavilhões, do 4º piso e do mobiliário/equipamento recuperável;

Projecto GRIPA (meados 2009) – ideia de transformar o Hospital num local temporário para doentes com Gripe A para seu isolamento e tratamento – proposta apreciada pela ARSN, CMF e HSS, mas julgada desnecessária dada a evolução natural da doença.

Actividades realizadas em 2010

Projecto “Complexo Clínico e Geriátrico NOVA VITA” - Envolveram-se mais oito entidades coletivas / parcerias no projeto, em 13 de Maio e em 04 de Dezembro de 2010; em Julho, assinou-se em Braga um **contrato-programa com a ARS do Norte** para a organização/gestão de uma UCCI de Longa Duração de 29 camas. Realizaram-se várias reuniões na Feira, Porto e Lisboa para o efeito; realizaram-se obras de melhoria dos acessos, dos exteriores, de limpeza e restauro dos Pavilhões A, C e D, destinados à Formação, Restauração, Eventos e Reabilitação Física/Cognitiva. Iniciou-se a Formação pré-graduada/certificada com cursos técnicos, através de protocolo com a ACE /Profiforma e após obras de transformação da antiga cozinha; manteve-se a actividade da “Clínica de Especialidades SANITUS”, com várias consultas de Especialistas Médicos; realizou-se a Candidatura ao PON2 em Dezembro, de forma a reabilitar o 2º

e 3º Pisos, assim como a reprogramação da Unidade de Cuidados Continuados, para 3 x 20 camas de Longa, Média e Curta Duração, sem a 3º fase (ampliação). Decorre a melhoria dos arruamentos, dependentes da Câmara Municipal da Feira e da Junta de Freguesia.

II Encontro Luso-Francês “Coeur et Diabete” - Realizado nos dias 15-17 Janeiro de 2010, no Hotel Sheraton, na sequência da colaboração entre a FS, a Discovery Cascade (Paris) e MD - VitaClinic (Porto). Contou com a presença de mais de 90 participantes convidados/preletores franceses e portugueses e várias apresentações por parte do CA da FS. Incluiu-se uma visita a clínicas e discussão comparativa sobre os dois sistemas de saúde.

VI Congresso Ibero-Americano de Reabilitação Cardíaca e Prevenção Secundária - realizou-se na Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, entre os dias 2 e 4 de Dezembro de 2010, com a presença de cerca de 85 participantes. Este evento possibilitou a realização de mais três eventos, nomeadamente a reunião anual dos *“Heart Friends Around The World”* e do *“Consejo Ibero-Americano de RC y PS”* e a divulgação do Projecto-Piloto *“Balança da Saúde”*. O programa apresentado contou com a participação de palestrantes provenientes de 15 países distintos (Portugal, Espanha, Roménia, Itália, Alemanha, Cuba, Argentina, Venezuela, Peru, Índia, Filipinas, México, EUA e Canadá e Cabo Verde). Foram apresentadas 26 conferências, 14 comunicações orais e 18 posters sobre diversos temas na área da saúde. Realizou-se o workshop de *“Reintegração Laboral após Enfarte Agudo do Miocárdio”*, com apresentação do VitalJacket. Celebração de

protocolos para o **projeto GEMIC 10** entre países da Europa, Américas e Índia, no Jantar de Gala de 4-12-2010, para o que se reabilitou os Pavilhões C e D, neste data inaugurados pelo Presidente da ADESPO (Dr. Eduardo Rocha) e pelo Governador Civil de Aveiro (Sr. José Mota).

Projeto-piloto “Balança da Saúde” (2ª fase) - Projeto agora com 6 Fases, baseado no novo conceito educativo (5 pirâmides) e um Póster AO, associado a um curso de 25 horas para professores e um site na Internet (**WWW.VITABALANCE-MED.EU**). Término do projeto-piloto iniciado em Set. 2009, em 3 Agrupamentos de Escolas da Feira, envolvendo 475 crianças, em colaboração com a CMF (curso vs poster). Os resultados do projeto-piloto revelaram 12% de melhoria médica dos conhecimentos da BS no grupo de controlo e aprox. 10% no grupo de intervenção, embora para níveis de partida diferentes. O desenvolvimento e os resultados deste projeto serviram a concretização de uma tese de Mestrado (TIT) defendida na Universidade de Santiago de Compostela neste ano lectivo (Doutoranda Noélia Oliveira). Iniciou-se o prolongamento deste projeto à Roménia (30 Out), onde se apresentou o projeto-piloto nas Escolas de Covasna e a tradução do Poster em 4 línguas (Português, Romeno, Espanhol e Inglês). Prepara-se o Projeto VITAKIT 2011/12 (3º fase) e realizaram-se várias candidaturas a apoios (ACS, DGS, FCG, UCP);

Geminação da Vila de S. Paio de Oleiros com a cidade de Covasna da Roménia – Estadia do presidente da Fundação SANITUS na Roménia em Out/Nov. de 2010 para

o efeito. Este Projeto de geminação a 3 níveis, foi atualizado e alargado (**Projeto GEMIC-10**), com a celebração de um protocolo entre pessoas/entidades de 10 países (5 EU e 5 Non-EU), permitindo assim a sua expansão e colaboração entre os diferentes países, a diferentes níveis e para vários projetos internacionais. A assinatura dos protocolos foi realizada no dia 04 de Dezembro de 2010, no Pavilhão “*Heart Friends Around the World*”, com a presença do Exmo. Cônsul da Roménia e da Directora Clínica da Roménia, Dra. Mihaela Suceveanu.

Instituto Internacional de Investigação e Educação para a Saúde - Projeto IIIES – Criação de uma comissão instaladora, envolvendo 10 entidades nacionais (da Feira, Porto, Coimbra e Lisboa), iniciando assim um projeto científico, de criação e de legalização de um Consórcio, para uma nova dimensão no ensino pós-graduado/superior, ao nível da relação saúde e sociedade/ambiente, vocacionada para a formação dos vários técnicos de saúde numa perspectiva inter-disciplinar e de âmbito internacional. As várias dinâmicas do VI Congresso IARCPS garantiram a expansão internacional deste Projeto a 10 países, associado ao Projeto “Balança da Saúde” e à Rede de Estudantes da REPC/FELSOCEM da América do Sul.

Organização de **Eventos de Angariação de Fundos**, parceiros e divulgação, como as Feiras Temáticas, Festa do Natal e Vendas, entre outros eventos, incluindo a “**I Semana do Hospital!**”, com várias atividades, entre as quais bailes, feiras temáticas, festas e conferências...

Projectos para 2011

Lançamento da “Loja da Terra” – inaugurada em 7-4-2010, pelo Bispo Auxiliar do Porto, D. João Lavrador, e nos espaços da antiga incineradora, um novo conceito de venda/aluguer e troca de bens, serviços (“Banco do Tempo”) e Terra(s), numa época de grandes dificuldades económicas e financeiras a nível local, nacional e internacional.

Projeto “Complexo Clínico NOVA VITA” - Continuar, como programado, a envolver várias entidades coletivas locais no projecto, realizar diversas reuniões, eventos e obras no sentido de se concretizar/terminar a reabilitação dos 4 pavilhões, destinados à Formação, Restauração, Eventos e Reabilitação Física/Cognitiva. Este ano espera-se terminar a reabilitação do 4º piso e dos pavilhões, e dar início às obras para a criação da Unidade de Cuidados Continuados (UCC) de Longa Duração. Importante será o início da **Biblioteca de S. Paio de Oleiros**, no Pavilhão B, graças ao apoio do Presidente da Junta de Freguesia (Sr. David Rodrigues) e empenho do Prof. Anthero Monteiro, director da mesma.

Projeto “Balança da Saúde” – Continuar com o desenvolvimento do projeto sob duas vertentes, ou seja, a vertente de investigação e a vertente de intervenção. O projeto terá continuidade, numa fase inicial, nos agrupamentos de escola de Santa Maria da Feira, sendo que, dos 10 agrupamentos existentes neste Conselho, serão seleccionados aleatoriamente 6 que constituirão o grupo de

intervenção, com formação dos professores de Ensino Básico e Secundário. Relativamente aos 4 restantes agrupamentos, estes farão parte do grupo de controlo, permitindo, assim, avaliar o impacto do Poster Balança da Saúde. Será também objetivo neste ano alargar este projeto a mais 5 concelhos do País (Ovar, Espinho, Aveiro, Porto, São João da Madeira). Pretende-se ainda este ano, materializar este projeto a um nível tridimensional;

Instituto Internacional de Investigação e Educação para a Saúde – Projeto IIIES – Reabilitação do R/C e Pavilhão B, de forma a organizar, promover e iniciar no início do ano lectivo 2011/2012, três pós-graduações internacionais, nomeadamente:

- Pós-Graduação Internacional em Prevenção e Reabilitação Cardiovascular;
- Pós-Graduação Internacional em Cuidados Continuados e Autonomia;
- Pós-Graduação Internacional para médicos Urgencistas Gerais.

Projecto “GEMIC 10” – Reforçar as parcerias existentes, apostando assim no desenvolvimento do GEMIC 10 nos seguintes domínios:

Educação/Escolas – Articulando com o Projeto “Balança da Saúde - Intercâmbio de professores e pais/alunos do ensino básico;

Profissional/Hospitais - Intercâmbio de técnicos de saúde em articulação com o projecto IIIES;

Administrativo/Comercial - Intercâmbio de produtos e serviços – entre as Autarquias e as Empresas.

Congresso “Incapacidade(s), Doença(s) e Trabalho(s)”

(Dezembro 2011) – Na Biblioteca Municipal da Feira, para fomentar um debate alargado e multidisciplinar sobre o impacto das doenças naturais e acidentadas na vida familiar, profissional e económica (Como reverter as tendências actuais?)

II Semana do Hospital (2011) – A realizar em meados de Julho, com um programa diversificado de eventos, similar à I semana, com o lançamento inicial do IIIES e a Reabilitação do Pavilhão B.

Iniciar serviços de **Apoio Domiciliário** – a partir dos recursos humanos e espaciais já existentes no “Comando”, de acordo como os novos modelos de gestão e as necessidades dos utentes, numa época de crise financeira relevante. Aguarda-se apoio da CM da Feira.

(UCC), associada à “**III Semana do Hospital**”.

II Encontro para a Prevenção Cardiovascular nas Escolas no Concelho de Santa Maria da Feira – Encontro e reflexão sobre o Projeto “Balança da Saúde” que contará com a colaboração dos professores dos 10 Agrupamentos das Escola de Santa Maria da Feira.

Continuação da organização de **Eventos de Angariação de Fundos**, parceiros e divulgação, como as feiras temáticas, festas, cursos, conferências, mini-andanças (realizada no contexto da Semana do Hospital, dando relevo à arte da dança), entre outros.

Projectos para 2012

Manutenção e desenvolvimento dos Projetos anteriores e ...

Congresso “Morte: Debater para Aceitar!” (2012) – Debate alargado com instituições de saúde, religiosas, família e associações de doentes no sentido de se debater as problemáticas éticas e técnicas dos doentes terminais, ou sem vida de relação.

Inauguração da **Unidade de Cuidados Continuados**

Com todos estes projetos, pretende-se que a Fundação SANITUS, continue o seu projeto de reabilitação do Hospital de S. Paio de Oleiros, como previsto, e de forma a que seja agora a sede deste novo movimento, cujo lema é “Terra e Saúde”.

Pretende-se assim que este Hospital centenário e a Fundação SANITUS sejam uma referência em nestas áreas, se possível a nível internacional, de forma a garantir acesso a cuidados de saúde e à medicina preventiva, numa perspetiva ecológica e de cuidados continuados, nos quais enquadramos obrigatoriamente a educação para a saúde, a formação profissional e a investigação.

Os Fundadores e Administração da SANITUS

Prof Dr António Rui Leal (Fisiatra)

Dr António Verdelho Vieira (NeuroCirurgião)

(Dr Pedro Lima Lopes (Advogado))